



A fuga para o Himalaia

Autor: Sérgio Peixoto Mendes, filósofo

Num relato que se pode chamar de impressionante, o escritor e monge tibetano Lobsang Rampa, em seu livro, *Entre os Monges do Tibete*, descreve com riqueza de detalhes as atrocidades cometidas pelos soldados chineses ao invadirem Lhasa a capital do Tibete. O lugar, de templos e mosteiros lamaístas, estremeceu abaixo do Himalaia com os gritos e insultos dos camaradas chineses mal uniformizados. A mão cruel do opressor procurava eliminar todos os inimigos da comuna. O ano era 1950 e a força era a da baioneta. Os anos se passaram e os tibetanos continuam até hoje compartilhando seus vales e picos elevados, dentre eles o Monte Everest, com os chineses. Mas em 2008, 58 anos depois da invasão, a China tem a responsabilidade de organizar as olimpíadas. Então, não seria este o momento propício para os monges tibetanos se rebelarem? Sim, o mundo está de olho em Pequim e uma rebelião é oportuna e pode causar um estrago enorme na imagem e na reputação da China. É hora de fortalecer a causa do Tibete, entretanto, a que se preservar os métodos pacíficos característica essencial num monge budista. Afinal, a população de tibetanos comparada às tropas chinesas, não passa de um punhado de gente. A rebelião precisa muito mais do que o apoio da mídia. Necessita ser inteligente para não expor novamente ao massacre os eremitas do Himalaia.

No relato de Rampa, os sábios tibetanos do passado, prevendo o pior, migram as relíquias e o conhecimento escrito para as cordilheiras do Himalaia e fundam uma Nova Ordem, a Escola de Conservação do Conhecimento. Ironia, tanto conhecimento e evolução espiritual guardado a sete chaves para fugir do poder da força bruta. Pelo jeito, Richard Gere, Sharon Stone e o próprio 14^o. Dalai Lama, ainda terão muito trabalho. Que Buda seja louvado.